

18 ABR 1995

O regressista

Jarbas Passarinho

18 ABR 1995

p 6

A Ação Popular, que nasceu na sacristia, empolgando um bom número de militantes da JUC (universitários católicos) e de outras ramificações da esquerda religiosa e, portanto, transcendentalista e não imanentista, foi o embrião da Ação Popular Marxista Leninista, que, ao participar da luta armada para a conquista do poder, ficou à esquerda do Partido Comunista fiel a Prestes, que era, com a aprovação de Moscou, contrário à guerrilha e ao terrorismo, como formas da luta contra o regime instituído em 1964. Pois agora, décadas depois, importantes quadros da AP, que não aderiram à praxis leninista, e que se auto-exilaram, estão no poder. Não apenas no governo, mas no poder, ao lado do presidente Fernando Henrique, em postos-chaves. Justo, pois, era e é esperar que os princípios doutrinários que os empolgou no passado presidam suas ações no presente.

Radicais da direita chegaram a apontar-me como membro da AP, especialmente porque tive, na doutrina social da Igreja Católica, o embasamento de minha formação política. Tive em Maritain ("Princípios de uma Política Humanista"), e "O Homem e o Estado") e no padre Lebret ("Manifesto") os fundamentos de minha opção política, até que descobri o padre Fernando Bastos Ávila, ótimo divulgador da doutrina do solidarismo cristão. Nunca pertenci, porém, à AP, nem mesmo como simpatizante. Militar da ativa, ao contrário do que agora defende surpreendentemente para mim o tenente-brigadeiro Ferola, compreendi que não poderia compatibilizar meu juramento, ao receber a espada de oficial do Exército, com obrigações decorrentes de filiação político-partidária. Ademais, ainda que crítico do capitalismo liberal com seu *laissez faire*, que transformava o Estado no policial a serviço da propriedade privada intocável, como "vaca sagrada" do sistema, mesmo que desse razão à análise marxista do capitalismo selvagem,

eu me dava conta da transformação do capitalismo no neocapitalismo, com conquististas que o humanizavam, corrigindo em parte as iniquidades sociais, acabando com o contrato de adesão, instituindo a jornada de oito horas de trabalho, a proteção ao trabalho do menor e ao da mulher, gerando associações dos trabalhadores em sindicatos e criando a previdência social. Só os ignorantes de doutrina social contemporânea podem chamar, ao capitalismo reformado, de selvagem, como outrora. Por outro lado, vi que a eliminação da propriedade privada, origem satânica de todos os males segundo Marx, em vez de proporcionar a justiça social acabara por gerar o totalitarismo tão iníquo quanto o capitalismo selvagem. Optei pelo reformismo, por ainda considerar o neocapitalismo insuficiente para a edificação da sociedade justa, com paz social. Isso me valeu a agressão permanente do radicalismo esquerdista, quer o ateu, quer o religioso, dos "companheiros de viagem" dos comunistas. Não entendi ontem — e continuo a não entender hoje — essa estranha aliança, já que a alienação fundamental, segundo Marx é a religiosa. Por isso, vi, perplexo, num *tape*, a confissão dos estudantes do convento dominicano das Perdizes, em São Paulo, de sua colaboração com Carlos Marighela que, rompido com Prestes, e chegado de Cuba, desencadeou a guerrilha urbana e se preparava para instalar a guerrilha rural, adepto da teoria do "foquismo" de Debray.

Agora vejo, com quase a mesma perplexidade, o presidente Fernando Henrique ser acoimado de traidor de suas convicções de outrora, por parte de um dos mais atuantes hierarcas, declarando sua decepção com o seu antigo companheiro do Cebrap, que teria se convertido ao neoliberalismo, o novo nome da opressão. Marco Maciel, um dos poucos formuladores, que se familiariza com a ciência política, já rebateu a confusão, que creio proposi-

tal, do liberalismo que ele defende, com o neoliberalismo. Já Fernando Henrique nem isso precisa. Está sendo criticado pelos que não lhe suportaram dizer que não mais é possível ceder ao primarismo político dos anos 50, com a volta ao artificial dilema: nacionalistas *versus* entreguistas. O presidente está sendo acerbamente atingido pelos que, ao lerem o que disse de improviso na abertura do simpósio sobre a lei das concessões do serviço público, nele viram o apóstata. Que disse ele? Disse que há hoje uma nova ideologia, a da reforma do Estado. "Quem está contra a reforma — afirmou de improviso — é guardião do passado. Faz um preito ao desconhecimento". Que ele mudou, em relação ao marxista de antanho, ele mesmo o diz ao confessar: "Eu vi uma meia verdade", ao tratar da globalização da economia e do papel do capital estrangeiro. Ser a favor da diminuição do estatismo, ver no capital estrangeiro não-colonizador um instrumento necessário ao desenvolvimento nacional, eis algumas das "blasfêmias" que a esquerda arcaica não lhe perdoa.

Como há de o político cego e imutável servir ao seu país?

É esse político cego e imutável que o presidente não é. Agrada-me, a mim que não sou seu correligionário, a sua mudança, que o aproxima do solidarismo cristão de ontem e do social liberalismo de hoje. O regressismo, hoje, é dos escravos do anacronismo. A festejada historiadora americana Barbara Tuchman citou um autor inglês que disse ser injusto julgar um homem do passado pelas idéias do presente. No caso, inverte-se a situação. A injustiça é ser julgado um homem do presente pelas idéias mofadas do passado.

■ Jarbas Passarinho foi ministro de Estado, governador e senador